

Diálogos em Volta da Fogueira: ritos de iniciação, redes de conhecimento e a escola

A compreensão com a qual desenvolvemos pesquisas com os cotidianos é fecunda em nos indicar que a formação humana se dá, conforme nos orienta Nilda Alves, em redes educativas. As redes educativas são a expressão dos “*espaçotempos*” nos quais e pelos quais são criadas redes de conhecimentos. Depreendo, a partir deste conceito que é no cotidiano e em rede que se produz a tessitura de saberes e fazeres importantes para nossa compreensão e forma de agir no mundo. Sob tal perspectiva, talvez não houvesse motivos para a dissociação que propus no título do texto. A dissociação da escola da noção de redes de conhecimento é proposital, busca realçar a hierarquia que se dá nas relações entre redes de produção de conhecimentos nos cotidianos moçambicanos, principalmente quando se pensa a escola e os ritos de iniciação. Reafirmo que os ritos de iniciação estão na escola, tal como a escola está neles, mas essa co-presença não é legitimada por diálogos horizontais. Este texto, oriundo das reflexões que tenho tecido na pesquisa de doutorando, se preocupa com as múltiplas formas de resistência que se podem entrelaçar no enfrentamento de diferentes formas de epistemicídios - termo cunhando pelo sociólogo português Boaventura Sousa Santos para se referir a uma destruição de conhecimentos ligada à destruição de seres humanos. Tal destruição tem como seu centro os territórios e povos colonizados. Os Diálogos em Volta da Fogueira são um exemplo das suas múltiplas formas de resistência.

Foi sobre os ritos de iniciação que desenvolvi minha pesquisa de mestrado. Nela, detinha-me a uma simples proposição: os ritos de iniciação em Moçambique se constituem em “*espaçostempos*” de produção de conhecimentos, entendidos como conjunto de sentidos e significações, sobre a vida e o “ser” em várias comunidades. Essa produção, importante na vida de muitos moçambicanos não é incluída nos palanques das epistemologias dos “mundos dos nossos mundos”. O que me moveu nessa pesquisa, além do estranhamento que já me era frequente desde meu primeiro contato com o norte de Moçambique, foi principalmente a minha experiência como professor na Escola Secundária e Técnica Profissional de Mariri, Província de Cabo Delgado. Em um momento da aula de gestão de recursos, ao discutirmos sobre algumas práticas locais, me apresentei como não-iniciado e dispertei reações de estranheza dos/as alunos/as. Este episódio me fez atentar que no cotidiano de escolas, do norte de Moçambique em particular, tal como eu existia em interação e tensão. Para aqueles/as alunos/as que passaram pelos ritos de iniciação à vida de adultos existiam outros/as alunos/as que não passaram por esses ritos. A ideia “comum e imbricada” nesse contexto social a que me refiro é de que os ritos de iniciação além de uma “instância” reguladora e atribuidora da qualificação ser/tornar-se Homem/Mulher são um campo educativo de participação obrigatória. Aí, eu me descobria uma eterna “criança”. Poderia eu ensinar na escola ou nas famílias?

No contexto da referida pesquisa e de suas constatações despontou como resultados, além das conflitualidades, um conjunto de negociações, subversões e temporalidades que indicavam a necessidade de diálogos que permitissem levantar questões sobre as várias diferenças e vivências características dos contextos educativos moçambicanos e a elucidação dos *efeitos de poder* que orientam as relações de conhecimento em comunidades educativas de Nampula.

Minha pesquisa de doutorado se assenta então na necessidade de aprofundamento desta faculdade de diálogo e defende a ideia de que tais diálogos podem ser desenvolvidos em Volta da Fogueira. Esta proposição

parte da ideia de que, não obstante as constatações arroladas, seria ilusório no contexto atual, falar de uma escola que seja moçambicana sem se referir às diferenças inerentes ao seu mosaico. A ideia de uma escola moçambicana esconderia, por sua vez, as múltiplas referências, relações e diferenças internas existentes no país. Moçambique é constituído por várias nações étnicas pertencentes a um contexto com relações e não relações com os contextos *bantus*, africanos e de um mundo orientado por colonialidades que, em seu cotidiano, clama por ideais de abertura dialógica de fronteiras.

A fogueira é, assim, uma metáfora oportuna, porque além de nos impelir à humanização das diferenças pelo fogo, alavanca a satisfação de necessidades primordiais (o frio e a fome, por exemplo), e mais, nos indica que essa satisfação pode avançar no sentido de trazer à roda outros diálogos, outras vivências e outros sonhos necessários à produção ética, estética e política do ser humano. Então, ela pode ser compreendida como espaço de diálogo entre diferentes que coabitam o mesmo "*espaçotempo*" e, nesse diálogo entra em jogo a satisfação de necessidades, a troca intersubjetiva baseada em critérios humanizantes e que tenham como foco "coisas de sonho e de verdade", portanto, diálogos sobre conhecimentos.

Sobre o autor: Doutorando e Mestre em Educação pelo Proped/UERJ. Bolsista CAPES. Professor assistente na Universidade Rovuma - Moçambique.